



ISSN 2176-3305

UMA ANÁLISE DO BAIXO ÍNDICE DE FREQUÊNCIA ESCOLAR NO VIÉS DO RISCO SOCIAL DO DISCENTE

Eduardo Eugenio Rodrigues Júnior¹

Yago Cezar Souza²

Fernanda dos Anjos Felix³

Soraya Aline dos Anjos Felix⁴

RESUMO

Este artigo apresenta uma problemática decorrente em várias escolas públicas do país. Devido o baixo índice da frequência escolar de muitos alunos no Colégio Estadual Aécio Oliveira de Andrade, escola campo do grupo de residentes do Programa de Residência Pedagógica desenvolvida com parceria do Instituto Federal de Goiás – Campus Goiânia, houve-se a primeiro momento a observação e preocupação com essa vertente. O objetivo desse artigo é então mostrar os motivos pelos os quais tem ocorrido essa problemática dentro da instituição de ensino em questão e tentar traçar meios para canalizar ou amenizar este índice. Utilizamos do método qualitativo, que foram pesquisas desenvolvidas com a população escolar e a pesquisa quantitativa, que no caso utilizamos de instrumentos literários. Mas para obtermos mais informações para esse artigo, foi feito um questionário para alunos e professores, a fim de tentarmos analisar a partir das respostas dos educandos e docentes as causas do baixo nível de frequência. O trabalho pode contribuir para meio escolar, de forma a oferece-lhes uma maneira de reverter esse índice que a cada dia se torna frequente nas escolas públicas ou apenas alertar as causas.

Palavras-chave: Educação; Frequência Escolar; Pesquisa em Campo.

1 INTRODUÇÃO

Ao olharmos o campo educacional, diversos problemas que o atingem são recorrentes, alguns são mais específicos, que só acontecem em determinados locais, como

¹ Instituto Federal de Goiás. junioreugenio96@hotmail.com

² Instituto Federal de Goiás. arcanjoyagocezar02@gmail.com

³ Instituto Federal de Goiás. fernandadosanjos2012@hotmail.com

⁴ Instituto Federal de Goiás. soraya.aline19@gmail.com

o problema de enchentes em escolas ribeirinhas situada no norte do país. Contudo, há problemas generalizados por todo o território nacional, que vão desde a falta de alimentos para os estudantes decorrido pela má gestão pública à atos de violência, como *bullying*, agressões verbais e físicas, entre outros.

Assim, decorrido pela necessidade dos participantes de entender o porquê que ocorre tais problemas que afetam diretamente o ensino-aprendizagem dos alunos, nasce a presente pesquisa, um fruto do Programa de Residência Pedagógica, um programa instituído no ano de 2018, que tem como intuito o aperfeiçoamento da formação de futuros professores; induzir a reformulação da formação prática; fortalecer as parcerias entre as instituições de ensino superior e escolas; e a adequação dos currículos dos cursos de licenciaturas em todo o Brasil.

Deste modo, a presente pesquisa teve como motivação, tentar compreender as raízes de um dos problemas enfrentados pelo Colégio Estadual Aécio Oliveira de Andrade, situado na cidade de Goiânia. Em primeira oportunidade, tentamos entender como funcionava o uso/comércio (tráfico) de drogas dentro dos muros da própria instituição. Porém, após a confirmação de tal fato, o funcionário da instituição, como uma tentativa de “autopreservação”, negou o uso de drogas pelos discentes, impossibilitando tal pesquisa.

Com isso, começamos entender outro problema que ocorre na instituição, que era uma preocupação comum em todo o corpo docente: o baixo índice de frequência dos alunos.

Pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB), nº 9394/96, o artigo 24, inciso IV, fica explícito a exigência mínima de setenta e cinco por cento a frequência do total de horas letivas para a aprovação, referente à educação básica, que compreende o ensino fundamental e médio.

O controle de frequência fica a cargo da escola, conforme o disposto no seu regimento e nas normas dos respectivos sistemas de ensino, exigida a frequência mínima de setenta e cinco por cento do total de horas letivas para a sua aprovação

Com ressalvas em alguns casos especiais, como o projeto (PL 7682/17), que flexibiliza a frequência escolar para alunos com deficiência e transtornos globais de desenvolvimento, ou então a recém-criada lei nº 13.796/2019, que permite o aluno faltar por motivos religiosos.

2 O PROBLEMA

Por décadas, as políticas públicas educacionais adotadas no país, se mostraram ineficientes, tais consequências são visivelmente perceptíveis. Nas redes de educação básica, sucateamento das mesmas, falta de materiais básicos para a promoção do ensino, o corpo docente desmotivado diante de condições precárias de trabalho, baixos salários e desvalorização social do “ser professor”. Tais problemas, segundo Goldemberg (GOLDEMBERG, 1993, p. 65) foi à adesão um caráter puramente utópico na educação, deixando de lado o social, criando a maioria dos problemas enfrentados hoje:

[...]responsável pelo seu fracasso, se deve, em grande parte, ao fato de não terem sido associadas a uma política social de longo alcance e não estarem alicerçadas em uma clara consciência dos obstáculos econômicos, políticos e culturais que precisam ser enfrentados para a construção de um sistema educacional abrangente e de boa qualidade.

E isso, infelizmente reflete diretamente na vida dos alunos, mais especificamente na sua frequência escolar. Tal constatação fica evidenciado, pois segundo Goldemberg (1993), problemas pelo descaso educacional criam um conjunto de fatores que impossibilita sua frequência, um deles é o risco social. São fatores ligados diretamente a condições socioeconômicas.

Com isso, fica evidente que a frequência escolar está ligada diretamente ao risco social, que segundo Ratier (2009), o fator vinculado ao contexto social dos alunos, se torna um processo inevitável, que o primeiro sinal, é a total falta de interesse do mesmo em sala de aula, logo em seguida as faltas vão se tornando mais frequentes, e por fim, sua ausência definitiva.

Contudo, a própria escola já deveria ter proposto um “plano emergencial” para sanar, ou pelo menos amenizar os impactos do problema enfrentado, pelo motivo que, o Projeto Político Pedagógico (PPP)⁵ da instituição, concebe que o corpo discente da instituição, faz parte do risco social, mas não há nenhuma ação prática ou teórica com foco nessa problematização em particular.

O Colégio Estadual Aécio Oliveira de Andrade atende uma clientela oriunda, basicamente de uma classe social baixa em que boa parte das famílias enfrenta grandes dificuldades. Muitos apresentam carência afetiva e nutricional o que reflete no desenvolvimento emocional, cognitivo, físico. Percebemos que alguns desses alunos não dispõem de orientação familiar em relação a regras e valores de conduta necessária em todas e qualquer ambiente.(PPP, 2019, p. 7)

⁵O PPP do Colégio Estadual Aécio Oliveira de Andrade referente ao ano de 2018, ainda se encontrava em fase de construção, por isso o mesmo, não se pode ser disponibilizado.

Portanto, é de suma importância a necessidade de ações rápidas e eficazes para que não aconteça a perda dos alunos para fora do meio escolar. Por isso, a importância da presente pesquisa, com objetivo de mostrar as possíveis causas da baixa frequência, e só assim, podermos traçar metas para a solução do problema.

3 METODOLOGIA

[...] essa história de idealismo, de dignidade da pesquisa pura, da busca pela verdade em todas as suas formas, está tudo muito bem, mas chega uma hora que você começa a desconfiar que, se existe uma verdade realmente verdadeira, é o fato de que toda a infinidade multidimensional do Universo é, com certeza quase absoluta, governada por loucos varridos. (ADAMS, 1979, p. 190).

A presente pesquisa foi utilizada dois vieses de investigações científicas, a qualitativa, pois trabalhamos com uma população, na qual, não pudemos nos desvincular de opiniões e atitudes dos entrevistados. Contudo, também nos beneficiamos em conjunto com outro tipo de pesquisa, que segundo Lakatos (2003), é uma ciência formulada pela ciência, sendo de suma importância para o tratamento de dados pesquisados em aspectos matemáticos e estatísticos, ou seja, a pesquisa quantitativa.

Contudo, existem algumas discordâncias a respeito desses dois tipos de pesquisa, que muitas das vezes, possuem a ideia que uma anula a outra, mas alguns pesquisadores defendem a união dos dois vieses, como benefício para a análise dos dados obtidos, como defendido por Demo (1996, p.34):

Embora metodologias alternativas facilmente se unilateralizem na qualidade política, destruindo-a em consequência, é importante lembrar que uma não é maior, nem melhor que a outra. Ambas são da mesma importância metodológica.

Assim, o primeiro passo foi a criação do instrumento de pesquisa, um questionário, que ao mesmo tempo fosse simples de respondê-lo, também queríamos que fosse abrangente, no sentido que, poderia nos oferecer um *feedback* completo da raiz do problema. Tal ferramenta foi escolhida, pois ofereceu-nos inúmeras vantagens, como maior número de população para responde-lo e a obtenção de respostas precisas e rápidas, defendida por Lakatos (2003).

O questionário foi formulado para que seja respondido de forma totalmente anônima, compondo três perguntas dicotômicas, referente ao sexo do discente, sua “autoanálise” da sua frequência e suas possíveis causas, com intuito da melhor canalização da resposta. Juntamente com mais uma pergunta descritiva aberta, com

objetivo de transcorrer os principais malefícios que sua baixa frequência poderia acarretar no seu rendimento escolar.

Com isso, no dia 22 de novembro de 2018, adotamos os questionários no turno matutino do colégio, em todas as turmas do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio. Porém, em um primeiro momento, entramos em um pequeno paradoxo⁶, como fazer uma pesquisa a respeito da baixa frequência dos alunos, se os próprios alunos faltariam à pesquisa? Por isso, o dia escolhido, não foi por acaso, nesse mesmo dia estava sendo realizado às provas finais do ano letivo de 2018, que por lógica, a frequência, pelo menos nesse dia específico, era obrigatória para a aprovação do mesmo e que teria a quantidade razoável de alunos que frequentam a escola.

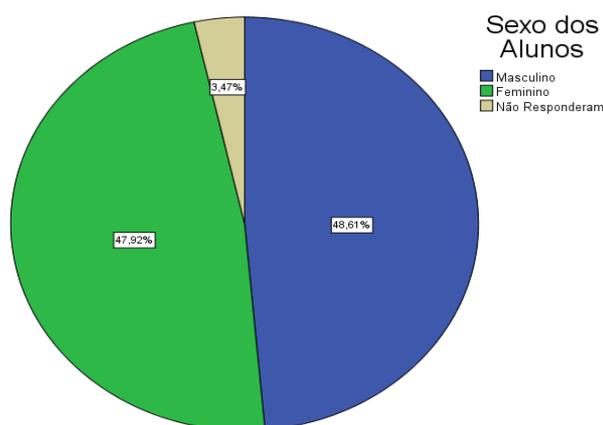
E para o tratamento dos dados recolhidos, utilizamos o pacote estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), que segundo Mundstock (2006), é um software para análise de dados utilizando técnicas estatísticas básicas e também mais avançadas, sendo usado no meio científico social internacionalmente a muitas décadas e o fato de que apresenta a criação de gráficos de uma forma bastante prática e concisa.

4 DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

Com base na pesquisa, duzentos e setenta e quatro alunos responderam nosso questionário, sendo 80,84% do corpo discente matriculado no colégio no turno matutino. Desses, 47,92% se identificaram como sexo feminino, 48,61% masculino e 3,47% não se identificaram com nenhum dos sexos (Gráfico I). Deixando claro que em um primeiro momento, o sexo do aluno, não foi levado em conta, na perspectiva em que o sexo estaria associado diretamente aos possíveis motivos e causas da baixa frequência do mesmo.

⁶Figura de Linguagem ou figura de estilo que reúne ideias contraditórias dentro de um mesmo contexto.

Gráfico I- Sexo dos Alunos

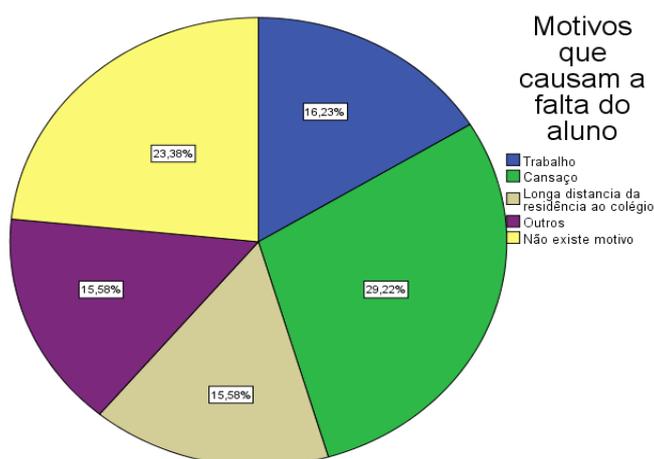


Fonte: Dados Pessoais

Contudo, com base nas discussões dos dados, podemos ver algumas divergências dos possíveis motivos, isto é, os motivos variaram consideravelmente, dependendo do sexo estipulado. Tal discussão abordaremos mais para frente.

Assim, no quesito as possíveis causas/motivos para tal descomprometimento da sua assiduidade, encontramos o principal catalisador, o *cansaço* do aluno, com cerca de 29,22%. O problema talvez seja uma consequência direta de outros dois grandes motivos que nos chamaram a nossa atenção, o *trabalho* com 16,23% e a *longa distância da residência ao colégio* com 15,58%. (Gráfico II).

Gráfico II – Motivos que causam a falta do aluno



Fonte: Dados Pessoais

Porém, o colégio não é uma exceção dessa realidade, da conciliação do trabalho com os estudos, segundo o levantamento da Organização para Cooperação de

Desenvolvimento Econômico (OCDE), é uma realidade bastante comum, 43,7% dos jovens brasileiros entre 15 a 16 anos trabalham e estudam no Brasil.

Porém ao olharmos o grupo de 5 a 15 anos (infanto-juvenil), o trabalho vem decaindo em solo brasileiro, segundo Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (PNAD), em 1992, cerca de 15% do grupo compreendido trabalhavam, porém, a mesma pesquisa em 2003, foi contatado apenas 7% trabalhavam. Tais mudanças podem ser vinculadas com a implementação da Lei nº 9.394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a instituição do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF), que estipulou a idade mínima de 16 anos para o trabalho.

Mas será que o cansaço decorrido pelo trabalho do aluno realmente atrapalha seu rendimento e conseqüentemente implica na sua frequência? Segundo Bezerra (2006), sim. Em sua pesquisa, foi constatada que jovens que estudam e que trabalham mais de duas horas por dia apresentam prejuízo no desempenho e “cada hora a mais de trabalho, por dia, implica uma diminuição do desempenho escolar [..]. Os alunos mais prejudicados pelo tempo de trabalho foram aqueles que trabalhavam entre 7 horas ou mais por dia” (BEZERRA, 2006, p.126).

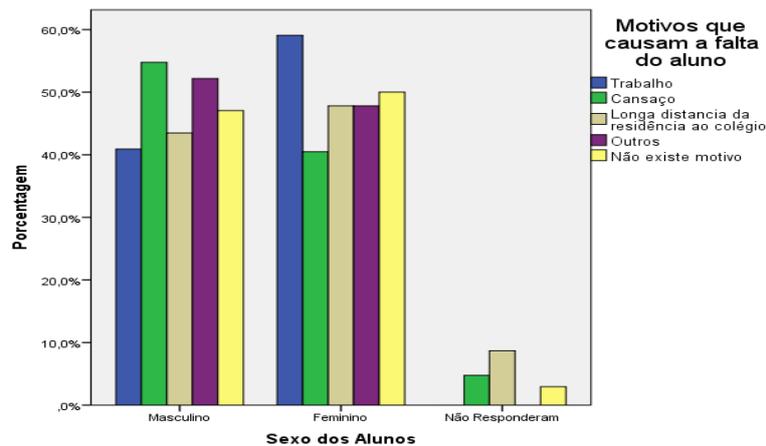
E um dos graves problemas que o desempenho escolar nos proporciona:

[...]é o atraso escolar. Na 4ª série, cerca de 40,0% do total de alunos estava atrasado na escola, ou por motivo de repetência, ou por terem **deixado de frequentar as aulas**. Na 8ª série, essa proporção sobe para 42,0% do total de alunos, chegando, na 3ª série, a 46,0% (BEZERRA, 2006, p.74). [grifo nosso].

Também tivemos outras respostas, 15,48% dos alunos marcaram como motivo *outros*, como o aluno (A23) que justificou suas faltas, pois “tenho que cuidar do meu irmão mais novo quando minha mãe sai” ou então o aluno (A199) “estou doente, e preciso ir no médico”. 23,38% não especificaram motivo aparente para sua baixa frequência ou o mesmo considera sua frequência satisfatória.

Assim, como já explanado, em um primeiro momento o sexo não estaria condicionado aos motivos, contudo ao analisarmos as respostas com mais cuidado, constatamos que as causas/motivos divergem ao sexo. Como podemos observar (Gráfico III), a maioria da população feminina acarretou diretamente o trabalho como a fonte da sua baixa frequência, já no grupo masculino, a maioria se deu pela provavelmente decorrência do trabalho ou outra atividade similar que acarreta o seu cansaço.

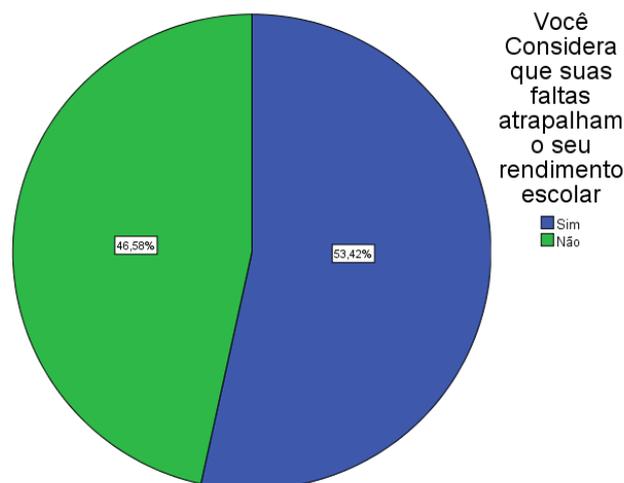
Gráfico III – Motivos da causa X sexo



Fonte: Dados Pessoais

E por último, perguntamos para os entrevistados, se consideravam que suas faltas prejudicariam a seu rendimento escolar, 53,42% confirmaram que suas frequentes faltas acarretavam diretamente do seu rendimento (**Gráfico IV**). Como a questão referente era descritiva aberta, tivemos a oportunidade de observar diversas respostas dos alunos.

Gráfico IV – Você considera que suas faltas atrapalham o seu rendimento escolar?



Fonte: Dados Pessoais

Muitos dos alunos se preocuparam principalmente pela perda de conteúdos mediados pelos docentes, mostrando que mesmo com baixa frequência, demonstra uma preocupação na má aquisição conhecimentos perdidos.

Porque perco a matéria passada no dia e perco “presença” (A34).

Porque eu perco matérias, conteúdos (A97).

Por que perco conteúdos importantes para o meu aprendizado, que me prejudicará mais a frente (A189).

Eu posso perder coisas importantes para as provas, etc (A201).

Contudo, há alguns alunos, que mesmo com suas faltas, não mostra preocupação referente à sua formação ali adquirida.

Por que depois eu aprendo com meus amigos (A77).
Não afeta meu rendimento por que sou inteligente (A108).

5 CONCLUSÃO

Com base na pesquisa realizada, conseguimos sinalizar alguns possíveis motivos que causam a sua baixa frequência, trazendo mais próximo a realidade, uma possível solução do real problema enfrentada pelo colégio. Com a metodologia utilizada, foi possível investigar como e o porquê da baixa frequência dos alunos.

Nesse sentido, por meio da realização da pesquisa em campo, podemos, pelo menos inicialmente/superficialmente constar o impacto da realidade do aluno, caracterizado pelo risco social em que o indivíduo está inserido e é refletido diretamente no seu aproveitamento escolar.

Também podemos contar que a maioria dos alunos, tem a percepção que atividades “extracurriculares” atrapalham o seu rendimento, contudo muitos levam em conta a situação em que vivem, pois infelizmente, muitos jovens, desde cedo são responsáveis no fomento de suas famílias.

Assim, acreditamos que a melhor solução possível, seja a promoção de políticas públicas que enfoque na melhoria da educação básica. Tais melhorias deveriam ser baseadas na motivação dos alunos, uma motivação não necessariamente pessoal, mas financeira, dada as situações socioeconômicas que se encontram os alunos e seus familiares.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, D. **O guia do mochileiro das galáxias**. Editora Sextante. 1979.
- BEZERRA, M. E. G. **O trabalho infantil afeta o desempenho escolar no Brasil?**. Universidade de São Paulo. Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, 2006.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996. BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental.
- DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- GOLDEMBERG, J. **O repensar da educação no Brasil**. *Estud. av.*, São Paulo, v. 7, n. 18, p. 65-137, Aug. 1993.

LAKATOS, E. M.. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

MUNDSTOCK, E. **Introdução à análise estatística utilizando SPSS 13.0**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Matemática. Porto Alegre, maio 2006.

OECD. **Youthnot in employment, education or training (NEET)** (indicator). doi: 10.1787/72d1033a-en (Acessado em 10 Fevereiro 2019).

RATIER, R. P. **A centralidade da comunicação na socialização de jovens: um estudo sobre mediação escolar**. Dissertação. USP – São Paulo. 2009